

Conversações do VIII ENAPOL

ASSUNTOS DE FAMÍLIA, seus enredos na prática

Buenos Aires • Setembro 2017

4. As transformações da intimidade

Responsável EBP: Cristiano Alves Pimenta

Participantes: Giovanna Quaglia, Giovana B. B. Heinemann, Grasielle Cunha,
Laisa Gonsalves, Ordália Alves Junqueira, Ana Paula Fernandes Resende

A família e o gozo mais íntimo

Uma família no You Tube

As imagens de uma câmera escondida viralizaram nas redes sociais, nelas vemos uma “pegadinha” em que a mãe era a vítima. A família – Pai, mãe e duas filhas adolescentes – está reunida à mesa de jantar –. A mãe exige que a filha de 15 anos lhe dê o celular que, como punição, ficará apreendido por três meses. O motivo é que a filha disse estar beijando uma outra menina. Não conseguindo obter o aparelho a mãe fica cada vez mais nervosa, dá murros na mesa, quase arremessa um prato na filha e, por fim, aos berros pega uma faca e parte em direção à filha dizendo que “uma tragédia vai acontecer nessa casa”, “eu mato ela”. O pânico toma conta da sala de jantar. O pai, coautor que até a pouco se divertia com a cena, segura a mãe enlouquecida de fúria dizendo que “é só uma brincadeira”. As filhas estão em pânico, gritam assustadas.

Pressupostos teóricos

Partimos da formulação de J.-A. Miller de que a civilização hipermoderna tem o objeto *a* como “a bússola” que define a direção do modo de satisfação do falasser. Em outras palavras, a busca do gozo prevaleceu e, inclusive, substituiu os ideais. Tal situação questiona o lugar da psicanálise nessa civilização na medida em que em que, dado essas

transformações produzidas pelo discurso da ciência, “o discurso da civilização não é mais o avesso da psicanálise. É seu sucesso”.¹ Por esse motivo, devemos concluir que, malgrado todas as consequências nefastas que “a subida do objeto *a* ao Zênite social” possa acarretar para o falasser em nossa época, há uma base comum entre Civilização hipermoderna e psicanálise, a saber, tanto numa quanto na outra, encontramos, um certo modo de “ir a favor do gozo”.

É exatamente esse ponto em comum entre o discurso da civilização hipermoderna e o discurso analítico o que permitirá Miller fazer a crítica aos psicanalistas que propõem que os sujeitos desbussolados que vêm aos seus consultórios devam ser tratados restituindo-lhes os significantes mestres da tradição. Esses psicanalistas “sonham com a ideia de reinstalar o mestre para poder, ainda, serem subversivos”. Portanto, a Orientação Lacaniana não se coaduna com o restabelecimento dos poderes da função paterna, pois há, por assim dizer, uma política em jogo, uma política na qual não se trata de ir contra o gozo, mas sim, a favor.

Assim, ao mencionarmos a relação da psicanálise com a civilização hipermoderna, parece mais pertinente apresentar a questão sob o seguinte aspecto: há, por um lado, os modos de gozo oferecidos por uma sociedade de consumo, esses que se apresentam numa série infinita de objetos que produzem uma satisfação episódica, e, por outro lado, um outro modo de gozo, aquele que o falasser pode vir a ter acesso a partir do tratamento analítico. Eis como nos parece adequado apresentar o problema em sua forma mais geral. Se pensarmos na clínica hoje, é recorrente nos depararmos com os sujeitos que, embora vivendo em família, vivam na verdade trancafiados e isolados em seus quartos, “conectados”, e é ali que, como disse um paciente, “é no meu quarto que a vida acontece”. Lacan, já em sua “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”, relaciona os “mercados comuns”, que dominam ainda mais hoje, com “uma ampliação cada vez mais dura dos processos de segregação”². Pertencer ou mesmo, ser absorvido pela dimensão pública do mundo virtual, que não deixa de ser uma forma de “mercado comum”, tem a segregação como preço. Assim, as consequências advindas do fato do sujeito ser absorvido no mundo virtual estão ligadas ao isolamento, à desconexão do

¹ Miller, J.-A., Uma fantasia. <http://www.congressoamp.com/pt/template.php?file=Textos/Conferencia-de-Jacques-Alain-Miller-en-Comandatuba.html>

² Lacan, J., Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: Outros escritos. Rio de Janeiro: JZE. 2003, p. 263.

mundo real, que são formas de segregação. Assim, o analista se depara com os danos subjetivos profundos que esse modo de gozo trás consigo.

A psicanálise, por seu lado, se faz presente sob a forma de uma oferta – a experiência analítica – que permite ao falasser inventar soluções singulares que façam frente a esses danos produzidos pela civilização hipermoderna. Tais soluções devem ser vistas, pensamos, como modificações do modo de gozo ou da relação do sujeito com a pulsão. Como aponta Fernando Peirone, ao falar sobre a psicanálise na era da hiperconectividade: “Nos interessa debater os modos em que o discurso analítico e a prática analítica incidem na relação do sujeito com a pulsão. Quais invenções, quais descobrimentos, quais experiências clínicas temos frente ao real dos laços virtuais”.³

As transformações da intimidade no seio da família: uma família no You Tube

As imagens de uma câmera escondida viralizaram nas redes sociais, nelas vemos uma “pegadinha” em que a mãe era a vítima. A família – Pai, mãe e duas filhas adolescentes – está reunida à mesa de jantar. A mãe exige que a filha de 15 anos lhe dê o celular que, como punição, ficará apreendido por três meses. O motivo é que a filha disse estar beijando uma outra menina. Não conseguindo obter o aparelho a mãe fica cada vez mais nervosa, dá murros na mesa, quase arremessa um prato na filha e, por fim, aos berros pega uma faca e parte em direção à filha dizendo que “uma tragédia vai acontecer nessa casa”, “eu mato ela”. O pânico toma conta da sala de jantar. O pai, coautor que até a pouco se divertia com a cena, segura a mãe enlouquecida de fúria dizendo que “é só uma brincadeira”. As filhas estão em pânico, gritam assustadas.

Nesse vídeo observamos que se trata de uma armadilha feita pelo pai e pelas filhas para pegar, ou melhor, “trolar”, a mãe, mas, num certo sentido, os autores dessa pegadinha também foram pegos por algo que eles não esperavam, a saber, o excesso, a perda de controle, a violência, que brotou da mãe. O que a fez explodir? Poderíamos dizer que ela encontra em sua filha de 15 anos algo que ela não suportou, a saber, a forma pela qual a sexualidade dessa filha teria encontrado sua satisfação, a homossexualidade. Mas há também outra coisa, essa mãe está diante de sua própria impotência e sua crise explosiva pode ser vista como uma maneira desesperada de resgatar uma autoridade que ela não tem

³ Entrevista: <https://redpsicoanalitica.com/2017/06/12/el-psicoanalisis-en-la-era-de-la-hiperconectividad/>

e não encontra, pois, de todo modo, o celular não lhe é dado por mais que ela grite. A mãe se atribui a função de barrar esse gozo da filha dizendo, “você só tem 15 anos, você não tem idade para essas brincadeiras”. Ela quer tomar o celular da filha, quebrá-lo, para interromper a comunicação desta com o mundo exterior, com a outra menina. Já o pai, por seu lado, não está na cena para proibir a filha de nada, mas sim para rir, se divertir com a situação da mãe, buscando uma posição neutra que o leva dizer para sua esposa: “o que eu tenho a ver com essa história?”. Assim, a fúria excessiva, mas inócua, da mãe, e a indiferença encenada pelo pai expressam a debilidade da função paterna na constituição de uma autoridade nessa família.

Podemos notar também que nessa família do You Tube não há uma diferenciação das funções pai-mãe, o que nos remete à noção de “parentalidade” enquanto “apagamento da diferença funcional” entre os pais, trabalhado por Marie-Hélène Brousse:

A parentalidade inscreve uma similitude ou uma equivalência ali onde se colocava uma relação. Ela torna evidente, então, que a afirmação segundo a qual não há relação sexual, que pareceu escandalosa quando Lacan a proferiu, hoje é um fato admitido. No lugar da diferença entre o pai e a mãe, se impõe a equivalência e a intercambialidade dos pais. [Brousse, 2010: 143-144]

Por outro lado, pode-se dizer que a revelação da homossexualidade da filha encarna o estranho angustiante para a mãe. Toda a intimidade da vida dividida com a filha não é suficiente para recobrir e anular o gozo estrangeiro e exterior com o qual a filha se conecta via celular.

Na verdade, os pais nada sabem do gozo dos filhos, a não ser quando a revelação eclode, como os casos de gravidez indesejada, por exemplo. Os filhos moram com os pais, mas, de certo modo, vivem fora, nesse fora interior que é o quarto trancado. Podemos observar que os pais mais sensíveis sofrem por viverem separados de seus filhos que não querem sair do computador nem para ir tomar banho. Do lado dos filhos, como observou Miller, eles não carecem dos pais para obterem o saber, sua relação com o saber, sua obtenção do saber, se dá via ferramentas clássicas da internet, como Google por exemplo. A consequência disso é que, educar hoje, ou, como se diz, por limite nos filhos, encarnar o papel de pai, isso é algo que não apenas os pais já não sabem fazer, como talvez nem seja mais possível fazer. Daí que ser pai hoje é algo que oscila entre a completa permissividade (encarnada pelo pai no vídeo) a uma rigidez inexorável (encarnada pela mãe).

Por fim, salta ao olhos o pânico angustiante vivido pelas filhas vendo a mãe ultrapassar todos os limites até se aproximar do assassinato. O que demonstra que o assassinato é uma possibilidade ineliminável no seio da família.

Isabelle e os pais enganados

Encontramos no filme *Jovem e Bela* (2013) toda uma narrativa que discute de modo instigante as transformações da intimidade numa família contemporânea. Isabelle, uma adolescente que está prestes a completar dezessete anos, vivencia seu primeiro encontro amoroso nas férias de verão. A beleza encantadora do cenário, a praia e o sol parecem propor o desabrochar do amor e do desejo com o também jovem e belo Felix, um alemão que passa férias na França. A mãe de Isabelle é favorável à relação, mas a filha faz de tudo para que a mãe seja excluída de tudo o que diz respeito a sua vida amorosa. O casal de jovens adolescentes se encontram a noite, conversam poucas banalidades, tomam um sorvete, e vão para a praia. Ali ela perde a virgindade numa relação sexual fria, na qual ambos parecem ausentes um do outro. Cena que coloca em relevo a inexistência da relação sexual mesmo na ocorrência do ato sexual. Pois, cada um parece estar em seu mundo próprio: ele gozando com sua fantasia, ela experimentando incômodo e decepção. Nesta mesma cena ocorre uma aparição: Isabelle vê alguém que se aproxima, ela mesma, que chega para olhar friamente o que se passa, como uma pura testemunha.

Essa aparição, presença do estranho na cena, parece anunciar de forma macabra a escolha que Isabelle fará logo em seguida, depois de completar 17 anos e retornar a sua vida cotidiana: a escolha de se prostituir. A primeira parte do filme, intitulada “Verão”, termina com a cena em que Isabelle, voltando para casa, no carro com a família, ultrapassa Felix de bicicleta na rodovia. Ao som da canção *L’amour d’un garçon* (O amor de um rapaz), interpretada por Françoise Hardy, Isabelle parece selar seu destino:

Todavia, a presença dessa canção no filme parece contraditória, pois, a transformação de Isabelle em mulher consistirá justamente em excluir de sua vida o amor e também o desejo. Não se interessa nem pelo colega de escola que é apaixonado por ela, nem por qualquer outro. Finge para a amiga que tem um namorado mais velho, mas, na verdade, se consagra, nas tardes dos dias de semana, a uma vida clandestina de encontros nos quais ela se vende a homens mais velhos e bem estabelecidos financeiramente pela quantia nada modesta de

300, ou mesmo, 500 euros por programa. Numa pequena bolsa escondida em seu guarda roupas, as notas se acumulam generosamente.

Um dos clientes, Georges, se impressiona com a pouca idade de Isabelle, e lhe diz: “é a crise, não é?”. Não é a crise. Não lhe falta dinheiro, pois sua mãe, médica bem estabelecida paga suas contas. Além disso, Isabelle também recebe dinheiro e pensão do pai, que, separado de sua mãe, vive em outro país. Nos programas ela diz ter 20 anos, usa uma blusa da mãe, saia justa, maquiagem reforçada, faz o tipo de uma mulher adulta bonita e elegante. Usa o nome da avó materna, Lea. A escolha pela prostituição traduz um impasse de Isabelle com sua mãe e com o pai ausente, pois vivia em outra cidade e havia se casado com outra mulher.

O mesmo cliente, Georges, que aparenta ter 60 anos, a requisita várias vezes, é gentil, carinhoso, demonstra ter ciúme dos outros homens que ela encontra e também conversa umas poucas intimidades com ela. Do amor Isabelle não tem mais que isso. Um acontecimento imprevisto vem perturbar todo esse arranjo. Um dos clientes, o próprio Georges, vem a falecer no meio de uma relação sexual com Isabelle. A polícia entra em cena, e a mãe, estarecida, não acredita no que se revela e passa a restringir certas liberdades – como o acesso à internet onde a filha tem um site com fotos suas nuas para os clientes. A mãe tenta se aproximar da filha para entender o porquê aquilo estava acontecendo, mas parecia haver um abismo entre ambas. A conversa termina em violência e agressões verbais.

Mas a mãe também obriga Isabelle a um tratamento *psi*, pago com o dinheiro dos programas, cujo valor da sessão será de módicos 70 euros. Nesse tratamento forçado ela se limita a descrever a emoção sentida nos encontros: “eu gostava de marcar os encontros, conversar na internet, falar no telefone, ouvir as vozes dos homens, imaginar coisas e ir... Gostava de conhecer o hotel, não saber quem ia encontrar, era como um jogo...”.

Se valendo de um jogo de palavras entre “jeu e dangeureux”, o terapeuta intervém para marcar a prostituição como “um jogo perigoso”. Ela diz, “um pouco perigoso” e prossegue, “na hora da relação eu não sentia quase nada, mas quando pensava no assunto depois, em casa, ou na escola, eu tinha vontade de recomeçar com outro...”. O seu gozo, portanto, não se localizava no ato sexual propriamente dito, mas na forma e no contexto aventureiro em que ele ocorria.

O tratamento parece ter algum efeito, pois Isabelle promete abandonar a prostituição e, numa ocasião, vai com uma amiga a uma festa dos colegas de escola. Lá ela encontra o jovem colega de escola que gostava dela. Ao nascer do sol eles estão na Pont des Arts em

Paris, se beijam ao som, novamente, de Françoise Hardy, cuja canção se chama Primeiro Encontro.

Teria Isabelle encontrado a via típica ao amor com o jovem e belo namorado, com quem agora ela terá relações sexuais com a permissão da mãe e perfeitamente reintegrada na vida familiar? O desfecho do filme responde que não. Após uma relação sexual com o namorado na qual ele perde a ereção e ela a recupera se valendo das técnicas sexuais que aprendera (ela introduz o dedo no ânus do rapaz), Isabelle põe fim ao relacionamento dizendo que não o ama. Em seguida ela reativa o celular de trabalho. As mensagens chegam uma atrás da outra. Ela as recebe com um sorriso contido. Esse retorno à prostituição faz lembrar um dito sarcástico proferido por um de seus clientes: “uma vez puta, sempre puta”.

A problemática vivida por Isabelle pode ser lida como um exemplo dos efeitos do enfraquecimento da função paterna como orientadora do desejo em nossa época. Efeito este que consiste em reduzir a vida amorosa ao gozo vivido nos encontros com os clientes. Em outras palavras, anulação do desejo e do amor. Por outro lado, vale ainda ressaltar que a precariedade das relações familiares é evidenciada sobretudo na relação com a mãe, que são de ódio, desprezo e silêncio, tal como vemos desde o início do filme quando a mãe lhe pergunta sobre o alemão Felix. O desenrolar da história trás uma constatação que apenas reforça a depreciação de Isabelle pelas relações amorosas dentro da família. Ela descobre que a mãe é amante de um amigo que, junto com sua esposa e filhos, frequenta sua casa. Consequentemente, ela ri de seu padrasto, Outro enganado, mas que, em condições favoráveis, bem poderia se tornar um de seus clientes.

A posição de Isabelle é exatamente aquela descrita por Miller, ao comentar uma Nota de Philippe Lacadée, o “déficit de respeito”. Ao se fazer de prostituta, Isabelle banca uma mulher adulta, empresária, que se veste com as roupas da mãe, etc. Poderia se dizer que ela busca ser respeitada, todavia, como ela “não respeita nada nem ninguém, está em déficit de respeito de sim mesma”.

Bibliografia

Brousse, M.-H. Um neologismo de actualidad: la parentalidad. *Uniones dele mismo sexo: diferencia, invención y sexuación*. Buenos Aires: Grama. 2010.

Lacan, J., Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: JZE. 2003.

Miller, J.-A., *Sutilezas analíticas*. Buenos Aires: Paidós, 2011.

Miller, J.-A., *El Otro que no existe y sus comités de ética*. Buenos Aires: Paidós, 2005.

Miller, J.-A., O inconsciente e o corpo falante. *SCILICET: o corpo falante*. Belo Horizonte: EBP. 2015.

Miller, J.-A., *Uma fantasia*.

<http://www.congresoamp.com/pt/template.php?file=Textos/Conferencia-de-Jacques-Alain-Miller-en-Comandatuba.html>